

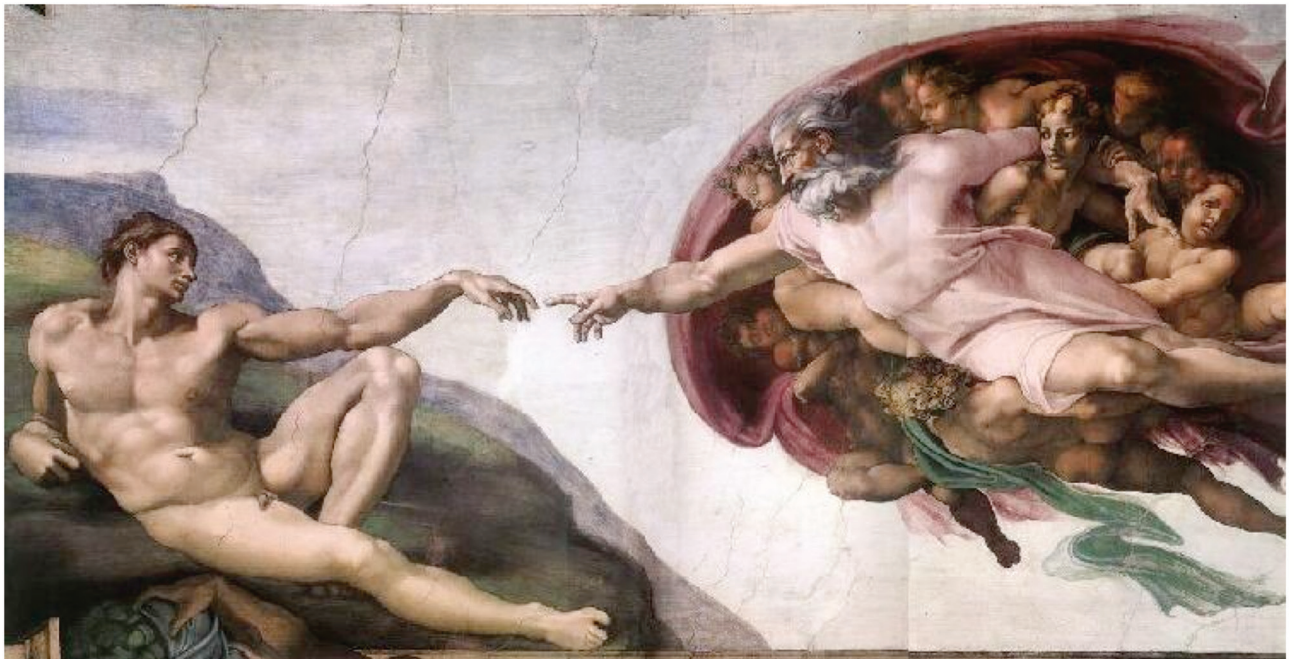


FILOSOFIA – Capítulo 06

Filosofia cristã: a relação entre fé e razão

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO	07
EXERCÍCIOS PROPOSTOS	07
SEÇÃO ENEM	08

Filosofia cristã: a relação entre fé e razão



A Criação de Adão, de Michelangelo, pintado no teto da Capela Sistina (Detalhe)

O período entre a Antiguidade e o Renascimento, preanunciado por Francesco Petrarca (1304-1374) e batizado por este de *medium aevum*, ficou conhecido como Idade Média. Pejorativamente chamado de "Idade das Trevas" ou "Noite dos Mil Anos", esse período sofreu com a estagnação da política e da economia, devido ao sistema feudal, e com o atraso da ciência, impedida de avançar devido à presença fiscalizadora da Igreja. Iniciando-se no século V, com a queda do Império Romano do Ocidente (476), quando da invasão de Roma pelos visigodos, e se estendendo até o início do pensamento moderno, no final do século XV e início do século XVI, a Idade Média foi palco de profundos avanços da história e do pensamento ocidental, embora tenha sido amplamente criticada. As obras de grandes pensadores, como Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, Pedro Abelardo e Guilherme de Ockam,

são exemplos cabais da importância e do fervor intelectual desse período. Podemos mencionar ainda a arte gótica, presente até os dias atuais, e a fundação das primeiras universidades a partir do século XI.

É na Idade Média que acontece, de forma sistemática, a aproximação entre fé (religião) e razão (filosofia). Porém, tal aproximação não se deu somente a partir do século V, uma vez que a religião cristã teve seu início já no século I, antes da queda do Império Romano do Ocidente. O pano de fundo que leva à compreensão do surgimento e do crescimento do cristianismo é o Helenismo, que permitiu, graças à convivência de várias culturas num mesmo território, uma aproximação entre o judaísmo e a cultura grega, preanunciando a filosofia cristã que surgiria algum tempo depois.

O primeiro pensador a buscar uma conciliação entre religião e filosofia foi Fílon de Alexandria (25 a.C.-50 d.C.). Conhecido também como Filon, o Judeu, ele escreveu alguns comentários ao Pentateuco a partir das ideias de Platão, fazendo uma aproximação entre a cosmologia platônica, presente no livro *Timeu*, e a criação do mundo por Deus. Platão se referiu ao Demiurgo, um semideus que criou todas as coisas do mundo a partir das ideias inteligíveis já existentes. Já para Fílon, Deus criou todas as coisas a partir de suas próprias ideias, e não de ideias tidas como autônomas, como supunha Platão, que não provinham do próprio Deus.



Fílon de Alexandria

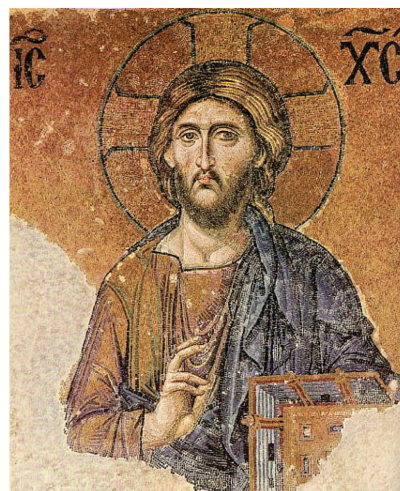
O ponto mais importante de nossa análise consiste justamente em nos determos na tentativa de conciliação entre fé e razão¹, ou seja, entre a filosofia clássica, principalmente a de Platão e Aristóteles, e as verdades reveladas, crença fundante do cristianismo, o que marcará definitivamente o pensamento e o modo de ser e viver da Idade Média.

Apesar de, historicamente, a Idade Média ter seu início com a queda do Império Romano do Ocidente no século V, o pensamento medieval deve ser entendido a partir do início do cristianismo, no século I. O crescimento do cristianismo foi um processo longo e gradativo, estendendo-se de seu nascimento, com a morte de Cristo e a formação das primeiras comunidades cristãs, até sua consolidação, com a conversão e o batismo do imperador romano Constantino, no ano de 337, e a conseqüente institucionalização da religião cristã, mais especificamente do catolicismo, como religião oficial do Império Romano no ano 391.

O cristianismo foi difundido após a morte de Jesus de Nazaré, judeu que afirmava ser o messias e que, por isso, foi crucificado, aos 33 anos, tendo pregado uma nova maneira de ser e viver, levantando a bandeira do amor, da compaixão e do perdão. Após sua crucificação, pequenas comunidades foram formadas, principalmente como resultado da pregação dos apóstolos e de outros neoconvertidos, como Paulo de Tarso, antes perseguidor de cristãos e agora adepto do cristianismo após ter tido uma experiência com o Cristo ressuscitado.

Essas pequenas comunidades, em geral guiadas por um líder local, se reuniam em assembleias para a leitura e para a execução de rituais que reviviam os atos e as mensagens de Jesus Cristo. Tais reuniões representaram a semente do que ficou conhecido algum tempo depois como Igreja.

Embora seguindo um mesmo mestre como modelo, nessas primeiras comunidades, não havia uma unidade em relação aos ritos, aos sacramentos e mesmo à leitura dos textos, que eram comumente interpretados de maneiras distintas. Essas diferenças poderiam provocar uma ruptura interna no cristianismo, pois a doutrina e as crenças variavam e muitas vezes se contradiziam. Diante disso, surgiu a necessidade de se realizar uma institucionalização que promovesse a unidade da nova religião, de seus ritos, textos sagrados, doutrinas e objetivos. Tal unidade deveria ser rapidamente confirmada, uma vez que o cristianismo crescia vertiginosamente e agregava, a cada dia, mais fiéis, que compunham comunidades espalhadas por toda a Judeia e pelo Oriente Médio.



Pantocrator. Mosaico do século XII, que se encontra na Igreja de Santa Sofia, em Constantinopla, hoje Istambul, na Turquia.

¹ Este foi o principal e mais difícil problema sobre o qual os Padres da Igreja e toda a Idade Média tiveram de se debruçar. Será que a fé é contrária à razão? Será que a filosofia é inimiga das verdades cristãs? É na tentativa de conciliar fé e razão que Agostinho constrói uma síntese extraordinária entre a Bíblia, as verdades da Igreja e a filosofia de Platão.

Diante do desafio de se promover uma união do cristianismo, fazia-se urgente a construção de uma **unidade doutrinária**. As perguntas fundamentais que deveriam ser respondidas eram: Em que acreditar? Como as leis e regras morais deveriam ser pregadas aos novos cristãos? O que é permitido e o que é proibido fazer? Quem e quais povos poderiam se tornar cristãos? Seriam todos os homens de boa vontade ou somente os provenientes do judaísmo? Como defender doutrinariamente o cristianismo contra as outras religiões e seitas que surgiam na mesma época?

Era extremamente necessário munir o cristianismo de explicações lógicas e coerentes que se fizessem compreender tanto pelos críticos da nova religião quanto pelos intelectuais neoconvertidos. Era inaceitável participar de uma religião que não trouxesse consigo argumentos inteligíveis de suas bases doutrinárias, argumentos estes que deveriam ter uma fundamentação filosófica, uma vez que a filosofia fazia parte da vida de praticamente todos os pensadores e intelectuais, trazida pela tradição helênica.

Para os filósofos medievais, o fato de o cristianismo representar "a Verdade" era um dado inquestionável. A questão era saber se os homens deveriam simplesmente acreditar na revelação cristã ou se também deveria haver uma compreensão dessas verdades por meio da razão. Existiria uma relação entre os filósofos gregos e a Bíblia? Haveria uma contradição entre a revelação de Deus aos homens, representada pela Bíblia e pela interpretação da Igreja, e a razão, representada pela filosofia, ou ambas poderiam conviver em harmonia? Este é o desafio que representou a grande questão medieval.

Nesse sentido, cabe destacar um momento importante da Idade Média, o chamado Período dos Padres Apologistas, que se iniciou a partir do século II. Dentre os Padres Apologistas (*Apologia: defesa, justificação*), o mais importante foi, sem dúvida, Justino Mártir (100-165/167). Justino escreveu duas importantes obras, denominadas *Apologias*, nas quais busca defender o cristianismo, considerando-o a "verdadeira filosofia", contrário, portanto, a alguns antigos princípios filosóficos que não se harmonizavam completamente com o cristianismo. Justino foi um grande estudioso de Platão e, ao se converter ao cristianismo, ele reviu suas crenças na filosofia platônica, principalmente no tocante à possibilidade de, por meio dela, alcançar a verdade.

A passagem a seguir demonstra seu posicionamento em relação à filosofia: "Eu sou cristão, glorio-me disso e, confesso, desejo fazer-me conhecer como tal. A doutrina de Platão não é incompatível com a de Cristo, mas não se casa perfeitamente com ela [...]". Desse modo, os Padres Apologistas representaram uma primeira tentativa de compreender a fé cristã.



São Justino Mártir. Os mártires eram mortos por causa da perseguição aos primeiros cristãos por parte dos romanos. As mortes eram as mais cruéis possíveis. Muitos cristãos foram decapitados, outros jogados aos leões no Coliseu, outros queimados vivos, etc. São Justino foi decapitado em 165/167.

Com os Padres Apologistas, começa a atividade filosófica cristã. A tese comum que defendem é de que o cristianismo é a única filosofia segura e útil e resultado último a que a razão deve chegar. Os filósofos pagãos conheceram sementes de verdade que não puderam entender plenamente: os cristãos conhecem a verdade inteira porque Cristo é o logos, isto é, a razão mesma da qual participa todo o gênero humano. A apologética desses padres constitui, portanto, a primeira tentativa de inserir o cristianismo na história da filosofia clássica.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. Tradução de Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 74.

Porém, o que mais nos interessa é o momento posterior aos Padres Apologistas, denominado Período dos Padres da Igreja ou Patrística, no qual se verifica uma crescente aceitação da filosofia grega pelos cristãos e líderes do cristianismo.



A imagem mais antiga de Santo Agostinho, o mais importante pensador da Patrística, no afresco do século VI, na Basílica de Latrão, em Roma.

Os Padres da Igreja constituíam um conjunto de filósofos cristãos, que, principalmente a partir do século III, aproximou, por meio de seus escritos e pregações, a filosofia grega do cristianismo.

Nesse contexto, a filosofia teve um papel primordial, servindo como base à formulação de argumentos que defendessem de modo compreensível a doutrina cristã frente às heresias², comuns tanto dentro quanto fora do cristianismo.

É claro que a fé ocupa lugar primordial e precedente à razão, mas, justamente pela necessidade de munir a fé de argumentos racionais, a filosofia grega se torna imprescindível para este processo. No entanto, não é qualquer filosofia que pode ser aceita, sendo os textos, as ideias e os pensadores gregos cuidadosamente selecionados. Aqueles textos, ideias ou pensadores que pudessem representar, mesmo que timidamente, alguma ameaça à doutrina cristã e à revelação são deixados de lado, buscando-se somente aqueles que servissem de base para uma nova interpretação dos textos e dos pensamentos a partir da lógica e da visão cristã.

Dessa forma, os textos, ideias e filósofos seriam selecionados se servissem ao objetivo da Igreja, que era o de fortificar a fé a partir desses textos, agora interpretados à luz da revelação divina.



Gustav Vasakyrkan

Os santos triunfam sobre a heresia. Escultura de Gustav Vasakyrkan em Estocolmo.

Essa postura cristã foi amplamente difundida, principalmente nos Concílios de Niceia (325), Constantinopla (381) e Calcedônia (451). Com o objetivo de legitimar e construir uma doutrina que atendessem a todo o cristianismo, as reuniões da Igreja em torno de questões teológicas e morais se dedicaram a uma conciliação entre fé e razão, entre filosofia e revelação, que pudesse atender aos anseios do cristianismo nascente, nessa época, já reconhecido como religião (313) e mais tarde elevado ao patamar de religião oficial do Império Romano (391). Durante a realização dos Concílios, foi comum a utilização de teorias e textos filosóficos com o intuito de defender uma postura favorável ao cristianismo e de condenar as heresias.

É nesse momento delicado do cristianismo que a filosofia encontra bases sólidas de comunhão com a doutrina cristã. Alguns conceitos dos principais filósofos gregos, Platão e Aristóteles, foram amplamente utilizados como fundamento teórico para a doutrina cristã. Exemplos disso são os conceitos de essência, substância, alma, corpo, ideia, causa, entre outros. Também a retórica e a lógica foram aplicadas de forma a defender a fé e justificar a teologia, fornecendo a esta as bases de uma argumentação clara a favor das verdades reveladas.

² Heresia: doutrina contrária a uma verdade estabelecida pela religião. Esse termo é amplamente utilizado para se referir a todas as ideias contrárias ou críticas às verdades fundamentais do cristianismo.

Algumas ideias das escolas filosóficas do Período Helenístico também foram usadas como auxiliares da fé, principalmente aquelas ideias que se referem à vida simples e mortificada. Por exemplo, dos estoicos, veremos as ideias de austeridade, sacrifício, abnegação, disciplina e autocontrole serem amplamente utilizadas como forma de preparar o cristão para se tornar digno da vida futura, depois da morte, junto a Deus.

Apesar da constante tentativa de aproximação, o problema da relação entre fé e razão ainda hoje é um desafio enorme para a Igreja e para a Filosofia. De um lado, temos os defensores de uma verdade revelada inquestionável e, do outro, aqueles que defendem um conhecimento científico construído sem qualquer necessidade do transcendente.

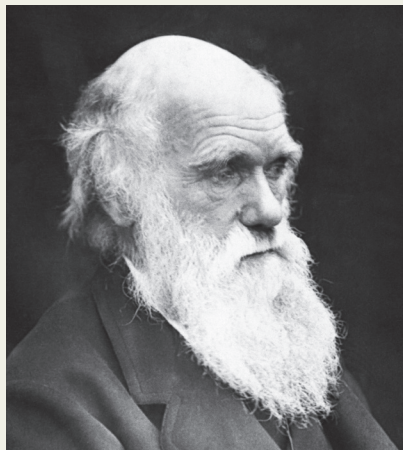
No entanto, a própria Igreja Católica, em acordo com as descobertas científicas e com o próprio progresso da ciência, demonstra abertura para algumas concepções científicas antes condenadas. É o que podemos observar na reportagem a seguir:

Vaticano considera não haver contraposição entre fé e evolução

Juan Lara

Cidade do Vaticano, 11 de fevereiro de 2009 (EFE).

O Vaticano acredita que não existe, *a priori*, contraposição entre fé e a ideia da evolução, ainda que o papa Bento XVI não compartilhe das teorias que explicam a existência da humanidade só como resultado do acaso e que, para João Paulo II, Darwin não bastasse para explicar a origem do homem.



J. Cameron

(Imagem acrescentada ao texto original)

Charles Darwin, criador da teoria da evolução, defendida em seu livro *A Origem das Espécies*, publicado em 1859.

Com eventos em todo o mundo em homenagem aos 200 anos de nascimento do cientista britânico, celebrados amanhã, e o 150º aniversário de seu livro *A Origem das Espécies*, lançado em novembro de 1859, o Vaticano destacou que a Igreja Católica nunca condenou Charles Darwin.

Segundo o presidente do Conselho Pontifício para a Cultura, arcebispo Gianfranco Ravasi, o livro do cientista britânico nunca foi parar no *Index Librorum Prohibitorum* – índice de textos proibidos da Igreja.

No último século, tanto o papa Pio XII como João Paulo II se manifestaram sobre a evolução.

Em sua encíclica *Humani Generis* (1950), Pio XII já dizia que o “magistério da Igreja não proíbe o estudo da doutrina do evolucionismo, que busca a origem do corpo humano em matéria viva preexistente”.

Naqueles tempos, Pio XII insistia em afirmar que “a fé católica manda defender que as almas são criadas imediatamente por Deus”. O pontífice encorajava um confronto “sério, moderado e temperado”.

Em 22 de outubro de 1996, João Paulo II fez um grande discurso na Pontifícia Academia das Ciências afirmando que a evolução “já não era uma mera hipótese, mas uma teoria”. Após declarar, como Pio XII, que era importante não perder de vista alguns pontos pré-determinados, João Paulo II reconheceu que a convergência dos resultados de trabalhos realizados independentemente nesse campo constituía “um argumento significativo a favor dessa teoria”.

O antecessor de Bento XVI declarou que a Igreja estava interessada diretamente na questão da evolução, porque esta influi na concepção do homem, “sobre o qual – disse – a Revelação mostra que foi criado à imagem e semelhança de Deus”.

O papa polonês ainda afirmaria anos depois que “não basta a evolução das espécies para explicar a origem do gênero humano, como não basta a casualidade biológica para explicar por si só o nascimento de uma criança”.

Já Bento XVI sempre defendeu a chegada à fé por meio da razão, apoiando o diálogo entre fé e ciência. Da mesma forma que seus antecessores, o atual pontífice declara que não há oposição entre “a fé da compreensão da criação e a evidência empírica da ciência”.

O papa atual não compartilha, no entanto, do evolucionismo radical. Em visita à Alemanha em setembro de 2006, criticou o que chamou de “essa parte da ciência que se empenha em buscar uma explicação ao mundo na qual Deus é supérfluo”.

Joseph Ratzinger considerou na ocasião “irracional” as teorias que consideram a existência da humanidade um “resultado do acaso” e destacou que, para os cristãos, “Deus é o criador do céu e da terra e que para entender a origem do mundo é preciso ter Deus como ponto de referência”.

Para Bento XVI, afirmar que a fundação do cosmos e sua evolução estão na sabedoria divina “não quer dizer que a criação só tem a ver com o começo do mundo e da vida. Implica também que Deus abarca essa evolução e a apoia, a sustenta continuamente”, completou recentemente o papa na Pontifícia Academia das Ciências.

Em 2005, no início de seu pontificado e com o objetivo de superar os receios entre ciência e fé e para recuperar a unidade do saber, o Vaticano deu início ao projeto Stoq (Ciência, Teologia e Pesquisa Ontológica, na sigla em inglês).

O Stoq é considerado um dos mais prestigiosos programas de pesquisa existentes no mundo sobre a relação entre ciência, filosofia e teologia.

Foi criado para ser “fruto do renovado espírito de diálogo entre teologia católica e ciência, inaugurado pelo Concílio Vaticano II e que culminou com a revisão do caso Galileu”, segundo afirmou o então ministro da Cultura do Vaticano, cardeal Paul Paupard.

Segundo Paupard, o Stoq finca as bases para uma verdadeira mudança de mentalidade com relação à ciência dentro da Igreja Católica.

“Privilegiando conhecer a verdade, a Igreja não pode ignorar a ciência. A religião pode purificar a ciência da idolatria do cientificismo e dos falsos absolutos”, afirmou Paupard. EFE

Disponível em: <<http://www.abril.com.br/noticias/>>. Nov. 2009. Acesso em: 3 maio 2010.

O texto que se segue mostra com clareza a necessidade de união entre fé e razão. Segundo o autor, Nicola Abbagnano, essa união é importante para a compreensão das verdades de forma racional, sendo, portanto, que filosofia e cristianismo devem se complementar em alguma medida e não simplesmente se excluírem.

A filosofia grega e a tradição cristã



Francisco de Goya

(Imagem acrescentada ao texto original)

Mesmo as verdades da religião precisam ser compreendidas pelos homens de forma racional.

O sono da razão produz monstros. Francisco de Goya (1897-1898)

A Grécia foi o berço verdadeiro da filosofia. Pela primeira vez no mundo ocidental, compreendeu e realizou a filosofia como investigação racional, isto é, como investigação autônoma que em si mesma encontra o fundamento e a lei do seu desenvolvimento. A filosofia grega demonstrou que a filosofia só pode ser procura da liberdade. A liberdade implica que a disciplina, o ponto de partida, o fim e o método da investigação sejam justificados e postos por essa mesma investigação, e não aceitos independentemente dela. A influência do cristianismo no mundo ocidental determinou uma nova orientação da filosofia. Toda a religião implica um conjunto de crenças que não são fruto de qualquer investigação porque consistem na aceitação de uma revelação. A religião é a adesão a uma verdade que o homem aceitou devido a um testemunho superior. Tal é, com efeito, o cristianismo. Aos fariseus que lhe diziam: “Tu alegas de ti mesmo e, portanto, o teu testemunho não tem valor”, Jesus respondeu:

“Eu não estou só, somos eu e aquele que me enviou” (S. João, VIII, 13, 16), apoiando assim o valor da sua doutrina no testemunho do Pai. A religião parece, portanto, nos seus próprios princípios, excluir a investigação e consiste antes numa atitude oposta, a da aceitação de uma verdade testemunhada do alto, independentemente de qualquer investigação. Todavia, logo que o homem se interroga quanto ao significado da verdade revelada e tenta saber por que caminho pode realmente compreendê-la e fazer dela carne da sua carne e sangue do seu sangue, renasce a exigência da investigação. Reconhecida a verdade no seu valor absoluto, tal como é revelada e testemunhada por um poder transcendente, imediatamente se impõe a cada homem a exigência de se aproximar dela e de a compreender no seu significado autêntico para com ela e dela viver verdadeiramente. Esta exigência só pode ser satisfeita pela investigação filosófica. A investigação renasce, pois, da própria religiosidade, pela necessidade que o homem religioso tem de se aproximar, tanto quanto lhe for possível, da verdade revelada. Renasce com uma tarefa específica, que lhe é imposta pela natureza de tal verdade e pelas possibilidades que pode oferecer à sua efetiva compreensão pelo homem; mas renasce com todas as características, próprias da sua natureza, e com força tanto maior quanto maior for o valor que se atribui à verdade em que se acredita e se pretende fazer sua. Da religião cristã nasceu assim a filosofia cristã. Esta tomou também como objetivo conduzir o homem à compreensão da verdade revelada por Cristo, de modo a que ele possa realizar o seu autêntico significado. Os instrumentos indispensáveis para este fim encontrou-os a filosofia cristã, prontos a servirem, na filosofia grega. As doutrinas da especulação helênica do último período, essencialmente religioso, prestavam-se a exprimir, de modo acessível ao homem, o significado da revelação cristã; e com esta finalidade foram, efectivamente, utilizadas da maneira mais ampla.

ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. Vol. II.

Tradução de Antônio Borges Coelho.

Lisboa: Editorial Presença, 1969. p. 108-109.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. *Era extremamente necessário munir o cristianismo de explicações lógicas e coerentes que se fizessem compreender tanto pelos críticos da nova religião quanto pelos intelectuais neoconvertidos.*

REDIJA um texto explicando o que significa dizer que era necessário “munir a fé de explicações lógicas”.

02. *É claro que a fé ocupa lugar primordial e precedente à razão, mas, justamente pela necessidade de munir a fé de argumentos racionais, a filosofia grega se torna imprescindível para este processo. No entanto, não é qualquer filosofia que pode ser aceita, sendo os textos, as ideias, os pensadores gregos cuidadosamente selecionados.*

REDIJA um texto explicando o posicionamento dos pensadores cristãos em relação à filosofia, com base na citação anterior.

03. *O estoicismo ensina ao homem a enfrentar as vicissitudes da vida de forma calma, resignada, tranquila e, sobretudo, digna. Este estado é alcançado por meio do autocontrole e da austeridade própria de uma vida disciplinada e construída somente com o que é estritamente necessário à sobrevivência, sem nada de luxos ou o culto às coisas supérfluas.*

REDIJA um texto explicando como o estoicismo auxiliou o cristianismo na formulação de sua ética.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. REDIJA um texto explicando a impropriedade de se utilizar o termo “Idade das Trevas” ou “Noite dos Mil Anos” para se referir à Idade Média.

02. REDIJA um texto explicando a importância do Helenismo como possibilitador da aproximação entre religião e filosofia.

03. REDIJA um texto explicando o papel de Filon, o Judeu, para o nascimento da filosofia cristã.

04. O crescimento do cristianismo foi um processo longo e gradativo, estendendo-se de seu nascimento, com a morte de Cristo e a formação das primeiras comunidades cristãs, até sua consolidação, com a conversão e o batismo do imperador romano Constantino, no ano de 337, e a consequente institucionalização da religião cristã, mais especificamente do catolicismo, como religião oficial do Império Romano no ano 391.

REDIJA um texto explicando por que, principalmente com a institucionalização do cristianismo como religião oficial do Império Romano, se tornou urgente sua explicação de forma racional.

05. *Eu sou cristão, glorio-me disso e, confesso, desejo fazer-me conhecer como tal. A doutrina de Platão não é incompatível com a de Cristo, mas não se casa perfeitamente com ela [...]*

MÁRTIR, Justino. In: REALE, Giovanni. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 39.

A partir da citação anterior, **REDIJA** um texto explicando o posicionamento de Justino Mártir em relação à filosofia e à religião.

06. Alguns conceitos utilizados na filosofia cristã foram claramente retirados da filosofia clássica, principalmente de Platão e Aristóteles, e foram utilizados como base para defender as verdades da fé. Dentre esses conceitos, são importantes os de essência e alma / corpo retirados de Platão. **REDIJA** um texto explicando a relação entre a filosofia de Platão e o cristianismo a partir desses conceitos.

07. A aproximação entre fé e razão, entre religião e filosofia / ciência, sempre foi um desafio, principalmente para a Igreja Católica. Na reportagem intitulada "Vaticano considera não haver contraposição entre fé e evolução", o repórter Juan Lara cita uma frase do papa João Paulo II que diz "não basta a evolução das espécies para explicar a origem do gênero humano, como não basta a casualidade biológica para explicar por si só o nascimento de uma criança". **REDIJA** um texto explicando o posicionamento da Igreja a partir da citação anterior.

08. *Todavia, logo que o homem se interroga quanto ao significado da verdade revelada e tenta saber por que caminho pode realmente compreendê-la e fazer dela carne da sua carne e sangue do seu sangue, renasce a exigência da investigação.*

ABBAGNANO, Nicola. *História da Filosofia*. V. II. Tradução de Antônio Borges Coelho. Lisboa: Editorial Presença, 1969. p. 108-109.

No trecho anterior, vemos a necessidade da religião de se aproximar da filosofia. **REDIJA** um texto explicando a tese defendida pelo autor Nicola Abbagnano acerca de tal aproximação.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2001) O texto a seguir reproduz parte de um diálogo entre dois personagens de um romance.

– *Quer dizer que a Idade Média durou dez horas? – Perguntou Sofia.*

– *Se cada hora valer cem anos, então sua conta está certa. Podemos imaginar que Jesus nasceu à meia-noite, que Paulo saiu em peregrinação missionária pouco antes da meia noite e meia e morreu quinze minutos depois, em Roma. Até as três da manhã a fé cristã foi mais ou menos proibida. [...] Até as dez horas as escolas dos mosteiros detiveram o monopólio da educação. Entre dez e onze horas são fundadas as primeiras universidades.*

GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*, Romance da História da Filosofia. São Paulo: Cia das Letras, 1997 (Adaptação).

O ano de 476 d.C., época da queda do Império Romano do Ocidente, tem sido usado como marco para o início da Idade Média. De acordo com a escala de tempo apresentada no texto, que considera como ponto de partida o início da Era Cristã, pode-se afirmar que

- A) as Grandes Navegações tiveram início por volta das quinze horas.
- B) a Idade Moderna teve início um pouco antes das dez horas.
- C) o cristianismo começou a ser propagado na Europa no início da Idade Média.
- D) as peregrinações do apóstolo Paulo ocorreram após os primeiros 150 anos da Era Cristã.
- E) os mosteiros perderam o monopólio da educação no final da Idade Média.

GABARITO

Fixação

01. Quando o cristianismo foi reconhecido como religião oficial do Império Romano, tornou-se necessário que suas verdades e crenças fossem explicadas para o povo, que acabava de se converter juntamente com o imperador, e para os homens cultos do Império Romano, que necessitavam de explicações coerentes sobre a nova fé, de forma que pudessem se defender dos ataques daqueles que não aceitavam o cristianismo e que criticavam suas crenças e doutrinas. Dessa forma, principalmente no período da Patrística, o cristianismo se uniu à filosofia para buscar nela argumentos que justificassem a si mesmo, construindo, então, argumentos próprios, de fundo filosófico, que pudessem servir às suas necessidades de explicação e defesa da fé. Não bastava acreditar somente nas verdades do cristianismo, tornou-se necessário compreender tais verdades, embora muitas fossem impossíveis de ser explicadas.
02. Para os pensadores ou filósofos cristãos, é evidente que a filosofia antiga, principalmente dos gregos Platão e Aristóteles, vem em segundo plano, ou seja, é um simples complemento das verdades religiosas. Por isso se utiliza a ideia de que a 'razão é escrava da fé'. A filosofia é vista como um caminho para a explicação das verdades religiosas, tendo seu valor reconhecido pelos filósofos cristãos à medida que serve de argumento para explicar o que a fé diz. Desse modo, os textos e pensadores da filosofia são cuidadosamente selecionados para que sirvam a esse propósito. O que pode parecer contrário à fé, aquilo que pode gerar alguma dúvida e levar ao questionamento da verdade revelada, é imediatamente eliminado.
03. A ética estoica privilegia uma vida simples e desapegada dos bens materiais, sendo que a felicidade somente será atingida quando o homem se tornar indiferente a tudo o que é externo. Da mesma maneira, o cristianismo acredita

que o caminho para a salvação, para uma vida correta segundo os mandamentos cristãos, seria exatamente uma vida simples e desapegada, uma vez que as coisas deste mundo, os bens materiais, não levariam o homem para perto de Deus, pelo contrário, afastariam o homem do caminho correto, levando-o a se apegar às coisas passageiras e terrenas. Dessa maneira, podemos dizer que tais ideias de desapego, resignação, abnegação, vida simples e pobre, voltada para dentro de si e não para o mundo exterior, são heranças da escola estoica para o cristianismo.

Propostos

01. Os termos "Idade das Trevas" e "Noite dos Mil Anos" trazem consigo a ideia de estagnação e atraso, como se na Idade Média nada de bom tivesse acontecido, como se tudo o que ocorreu não tivesse nenhum valor para a história da humanidade e para o pensamento filosófico. Tal ideia não corresponde à realidade histórica. É possível identificarmos inúmeros progressos ocorridos durante a Idade Média, como a fundação das universidades, o desenvolvimento da arte gótica e o aparecimento de filósofos importantíssimos para a história do pensamento ocidental, como Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, entre outros. Dessa forma, a ideia de que a Idade Média consistiu somente em um período sem qualquer importância, intermediário entre o Renascimento e a Antiguidade, é imprópria e incorreta.
02. Foi no Helenismo que se observou a primeira aproximação entre fé e razão, ou seja, entre religião e filosofia. Sua contribuição se deu a partir da convivência de vários povos e culturas no mesmo território, nas mesmas cidades, aproximando definitivamente homens que até então se identificavam unicamente com sua própria cultura e se restringiam à convivência somente com aqueles que pertenciam ao seu povo. Com essa aproximação, houve inevitavelmente um diálogo, o que tornou possível uma espécie de sistematização ou síntese entre religião e filosofia, uma vez que os representantes desses pensamentos puderam interagir formal ou informalmente.

03. Fílon de Alexandria foi o primeiro religioso a realizar uma aproximação sistemática entre religião e filosofia. Conhecedor principalmente das ideias de Platão, ele pôde criar uma síntese entre a religião judaica, mais especificamente entre o Pentateuco, e a filosofia clássica, a partir da ideia da criação do mundo. Para Platão, no livro *Timeu*, quem criou todas as coisas do mundo foi um semideus chamado Demiurgo, que o fez a partir de ideias previamente existentes (as formas ou ideias inteligíveis). Porém, segundo a religião, Deus também criou todas as coisas a partir de ideias, no entanto, tais ideias não são entidades autônomas como concebia Platão, mas sim ideias provenientes do próprio Deus. A partir desse argumento de Fílon, torna-se clara a aproximação de vários pontos da religião com a filosofia antiga.
04. Foi necessário tornar claras e inteligíveis as verdades pregadas e defendidas pelo cristianismo para que as pessoas pudessem compreender e aceitar essa nova fé, não somente por obrigação, afinal, o próprio imperador havia se convertido e todos estavam acompanhando-o. Além dessa necessidade de explicação, era urgente a necessidade de se construir uma unidade doutrinária no cristianismo, pois até então havia divergências quanto à sua interpretação e aos modos de viver. Diante disso, a única forma de criar tal unidade e de se fazer compreender em seus fundamentos foi buscar na filosofia os argumentos lógicos e racionais que dessem à nova religião sustentação diante dos desafios que esta vivenciava, criando então uma filosofia cristã.
05. Justino é um dos principais representantes da Escola Apologética, que antecedeu a Patrística, no século II. Como o próprio nome diz, os Padres Apologistas defendem a fé cristã e, para isso, constroem argumentos para que a fé não seja contrariada. No texto em questão, é clara a preferência de Justino pela religião, contrapondo-a, em muitos aspectos, à filosofia clássica, especificamente à filosofia platônica, dando um caráter de superioridade à religião e às verdades reveladas em relação à filosofia grega pagã.
06. Platão, como o filósofo que sistematizou a metafísica, buscava a verdade última das coisas, chamada de essência. O cristianismo se apropriou de tal conceito ao dizer que a essência do homem é, por exemplo, a alma. Dessa forma,

a religião cristã defenderá que existe algo que está para além da aparência dos seres, sendo o fundamento da realidade, e esse ser seria o próprio Deus. Também os conceitos de alma e corpo, tratados por Platão, serão utilizados pelos filósofos cristãos. O homem tem, portanto, duas realidades em si: a alma, que seria sua essência e por isso é imutável e perfeita, e o corpo, material e imperfeito. Segundo Platão, só pela alma se conhece a verdade. Para o cristianismo, a alma seria a habitação de Deus no homem, sendo o corpo, segundo Santo Agostinho, a parte imperfeita e ruim do homem, fonte do pecado e da concupiscência.

07. Para a religião, a ciência ou a filosofia não são capazes de explicar como as coisas acontecem, principalmente no que se refere à vida humana. Se, pela teoria da evolução, sabe-se que a vida se deu de forma natural, ou seja, sem necessitar de algo extraordinário e transcendental para que ela acontecesse, a Igreja se pronunciará dizendo que não basta a hipótese científica para explicar a vida, mas que há uma vontade externa e perfeita que quis que a vida existisse. Dessa forma, segundo o texto, não haveria uma clara contraposição entre ciência e fé, mas uma complementariedade a outra no momento em que se reconhecesse que a natureza pode ter seu funcionamento iniciado ou promovido por uma vontade divina.
08. Para Nicola Abbagnano, a religião deve ser compreendida pela filosofia justamente porque faz parte da natureza do homem a necessidade de conhecer o que as coisas são e como são. Assim, ele defenderá que, quando o homem se interroga sobre o significado da verdade, sendo essa verdade religiosa, revelada, surge consequentemente a necessidade de compreendê-la, de forma que ela possa ter um sentido pessoal para o próprio crente. Não basta simplesmente saber que as verdades existem, é preciso, para satisfazer a necessidade de conhecer, compreendê-las de forma inteligível. Só dessa forma seria possível viver essa verdade de maneira coerente e pessoal. Nesse sentido, religião e razão devem caminhar juntas.

Seção Enem

01. A